

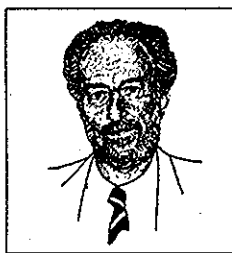
WASHINGTON NOVAES

Repensar as Amazôniaas

Ao mesmo tempo em que os jornais divulgavam, nos últimos dias, o número recorde de queimadas na Amazônia e no Centro-Oeste (na última semana de agosto, 342% mais que em igual período do ano passado, com 14.186 pontos de fogo), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) dava a conhecer no mundo todo o seu *Relatório sobre o Desenvolvimento Humano em 1998*. E os dados ali contidos sobre desflorestamento e queimadas são muito preocupantes. Um terço das florestas que existiam no planeta já desapareceu. E, do que resta, dois terços já sofreram intervenções humanas muito fortes. De 1970 para cá, a área florestada por habitante da Terra caiu de 11,4 para 7,3 quilômetros quadrados. As espécies selvagens estão-se extinguindo a um ritmo que pode ser cem vezes mais rápido que o caminho natural.

Grande parte dessa intervenção humana beneficia poucas pessoas e prejudica as mais pobres. Como nas Filipinas, por exemplo, onde, segundo o Pnud, 50% da floresta foi abatida durante o governo de Ferdinand Marcos: "Umhas poucas centenas de famílias se apropriaram da renda resultante, de US\$ 42 bilhões, deixando empobrecidos 18 milhões de antigos moradores." Será só nas Filipinas?

Um dos ângulos menos discutidos do problema, segundo o relatório, está em que 3 bilhões de pessoas "dependem da medicina tradicional, principal fonte de remédios para suas doenças". Com a perda progressiva da biodiversidade, desaparece essa possibilidade. O relatório manifesta também preocupação com a crescente invasão de áreas indígenas no Bra-



Segundo relatório do Pnud, 1/3 das florestas que existiam no planeta já desapareceu

sil, onde está grande parte da biodiversidade preservada.

Em algum momento o Brasil terá de mudar sua atitude diante da questão amazônica, para não viver sempre de providências emergenciais (e nem sempre eficazes), como a medida provisória que aumentou a área de reserva legal na região para 80% ou a proibição de queimadas depois de instalado o fogaréu.

Em algum momento a questão ambiental terá de ser internalizada nas macropolíticas que determinam a sorte da Amazônia. Não dá para falar em preservação ou conservação ao mesmo tempo em que se programa, nos gabinetes de governo, e se promove em silêncio a abertura ali de três novas frentes de penetração da agropecuária. Não dá para conciliar o discurso ambientalista com a concessão de incentivos fiscais e subsídios para atividades devastadoras ou para uma política de reforma agrária que transforma os assentamentos numa das principais causas do desmatamento na região (como assinalou o relatório da Comissão Externa da Câmara dos Deputados).

Não pode haver coerência nessa área se nem sequer se discute o modelo de ocupação da Amazônia e do Centro-Oeste – inclusive no setor hidrelétrico – e sua relação com os padrões de consumo desperdiçadores e as matrizes energéticas esbanjadoras e poluidoras nos países industrializados – como está assinalando mais uma vez o relatório das Nações Unidas.

A Amazônia, por esses caminhos, transforma-se em grande "exportadora de sustentabilidade", na expressão de Ignacy Sachs, que ainda na semana passada tanta experiência tentou pas-

sar em alguns foros brasileiros.

Sachs lembrou que os rumos da Amazônia brasileira vão influenciar o desenvolvimento de toda a Bacia Amazônica e, portanto, o processo de integração da América do Sul. Só que, para mudar nossas atitudes, precisamos mudar também nossos conceitos, lembrar que existem várias Amazôniaas – como tantas vezes tem enfatizado o professor Aziz Ab'Saber: a Amazônia dos índios, a dos caboclos, a dos citadinos e a dos migrantes, a das levas de nordestinos e sulistas que para ali acorrem, porque não há políticas de correção das desigualdades regionais nem políticas de emprego (só de desemprego). Se formos capazes dessas mudanças, talvez possamos desenvolver ali a civilização que tanto fascina Sachs, baseada no trinômio biodiversidade-biomassa-biotecnologias. A civilização do século 21.

Para essa discussão, com certeza, será de muita utilidade o recém-lançado livro *A Morte Social dos Rios*, do antropólogo Mauro Leonel, que há muito tempo desenvolve pesquisas em Rondônia, no Amazonas, no Pará, em Mato Grosso, no Acre e em Goiás, além de no Paraguai, no Peru e na Bolívia. Nesse contato com seringueiros, índios e beiradeiros, peões e garimpeiros, o autor desenvolveu visões às quais convém prestar atenção.

Como a de que é preciso "compreender a degradação ambiental como um processo social e estabelecer suas relações com a desigualdade social".

Porque "as relações dos homens com a natureza são indissociáveis das relações que os homens mantêm entre eles".

Além disso, é preciso ver a Amazônia de outra forma, porque "geralmente ela é tratada como um todo, como se explicável de uma só feita, talvez mais pelo que dela se ignora do que pelo que se conhece. Melhor seria referir-se a Amazôniaas, em suas formações sociais diferenciadas, evi-

tando-se generalizações arbitrárias, reducionistas e ineficazes, para explicar situações multifacetadas, tanto em relação aos ecossistemas como à diversidade das configurações sociais, à sua sociodiversidade".

Se se entrar por esses rumos, vai-se ver a concorrência, a disputa pelo uso dos recursos naturais como um dos vetores mais complexos da degradação. Dos recursos hídricos dessa "pátria da água" (no dizer do poeta Thiago de Mello) ao peixe, dos recursos minerais aos energéticos.

E agora em escala globalizada.

Como se vai retirar a Amazônia "da sacralização idealizada das culturas indígenas, numa vertente, e da pretensa superioridade etnocêntrica do progresso, na contramão"? – pergunta o antropólogo. Só entendendo a diversidade de configurações sociais: "O todo é compreensível pela diversidade que o compõe."

Tudo indica que é por aí. Se não começarmos a fazer as perguntas corretas, não teremos respostas adequadas para algo tão complexo quanto as Amazôniaas. Estaremos condenados a repetir os mesmos erros, infundavelmente. Até o dia em que não teremos nem mesmo como recorrer aos pajés para apagar o grande incêndio – como aconteceu há poucos meses em Roraima e se repetiu agora no Xingu.

Curiosamente, choveu nas duas oportunidades – o que pode levar o pensamento para várias direções, até mesmo para o campo das probabilidades estatísticas (acerto de 100%). Quando nada, poderia acentuar nosso interesse para essa extraordinária – e única no mundo – diversidade cultural indígena, mais de cem povos e outras tantas línguas, mitologias, saberes, organizações políticas e sociais. Quem sabe, conhecendo tanta riqueza, nos organizássemos para respeitá-la e preservá-la – e aos habitats que a circundam?